O Despertar da Primavera

(Frank Wedekind)
(Tradução: Sheila Ewert)
(Adaptação: Zé Henrique de Paula)

Personagens
Melchior Gabor
Moritz Stiefel
Wendla Bergman
Hanschen Rilow
Ernst Robel
Martha Bessel
Thea
Ilse
Sra. Bergman
Sra. Gabor
Sr. Gabor
Ina Muller
Reitor Sonnenstich
O Homem

MELCHIOR - Frio, muito frio. Queria abrir um buraco e me enterrar, mas não dá. Eu passei por tantas mortes e quase não chorei. Mas, às vezes, dependendo de como o sol se põe por trás da ponte ou de como as nuvens se debatem formando espirais de chumbo no céu, aí eu choro... Um choro que me sacode, que vem em soluços. Eu me entrego sem resistência, em espasmos de tristeza. Eu choro pelo fim da inocência, pela escuridão do coração humano e pela falta que me fazem o meu amigo (sempre os sonhos entre nós) e o meu amor - agora eu sei que era amor. Desculpe, eu esqueci de dizer o meu nome: é Melchior.

ILSE - A alma humana é um abismo, que merda!... A Morte já esbarrou em mim tantas e tantas vezes. Eu perdi a conta de quantas vezes o Heinrich pôs o revólver dentro da minha boca e ameaçou: "É hoje, Ilse!". Mas eu entendo o Melchior Gabor. É que comigo, bom, comigo é diferente... Parece que ela não vai me pegar nunca, ou, pelo contrário, um dia, quem pega a Morte de surpresa sou eu!...

HANSCHEN - Eu não sou muito de sentimentalismo. Por isso eu vou ser bem prático e claro. Meu nome é Hanschen. Hanschen Rilow. É verdade que um monte de coisas aconteceu desde a última primavera. Mas não interessa ficar aqui contando, agora. O que interessa é que aquele encantamento foi se apagando, aos poucos. Não foi, Ernst? E agora fica um vazio e uma saudade... Às vezes, eu acho que eu podia, com um gesto, talvez tivesse impedido que aquele anjo caísse. Mas eu estava ocupado demais, dormindo o sono dos amantes.

THEA - Eu me chamo Thea e a Wendla Bergmann ainda é a minha melhor amiga. A mãe dela estava com os olhos tão inchados, parecia ter envelhecido dez anos em um. A Wendla gostava de me levar na casa da irmã - a gente passava tardes e tardes brincando com o bebê... O Karl é gordinho... Sempre achei que só os velhos morriam. Mas agora! Será que eu e a Martha pegamos a mesma doença dela e não sabemos?

MARTHA - Todas as sextas-feiras eu planejo encontrar a Ilse, pra levarmos mais flores pro Moritz. Eu gostava dele. Ninguém mais comenta o que aconteceu. Já cheguei a fugir da escola e esperar durante horas e nada de ela aparecer. Mas eu sempre vou. Eu me deito no chão e falo baixinho pra ele: "Eu e a Ilse te oferecemos estas flores. Um beijo da sua amiga, Martha!". Wendla, a chuva não tem mais graça sem você. Volta logo...

ERNST - Sabe, o Hanschen me disse uma vez que os adultos usam a autoridade deles pra justificar a sua estupidez. Que no fundo eles fazem tudo como a gente faz, as mesmas burrices. As mesmas idiotices. Essa é uma história cheia de burrice e de estupidez. Vocês vão ver tudo. E eu aposto como vocês vão me dar razão depois. Quando eu me lembro do que aconteceu fico até arrepiado. Agora tudo parece fazer sentido, o Moritz Stiefel foi um revolucionário.

(Moritz Stiefel lê um livro)

MORITZ - "A Lua cobre o rosto. E depois tira de novo o véu. Mas nem por isso parece ter alguma coisa a dizer. Vou voltar para o meu lugar. Endireitar a cruz que o louco idiota derrubou brutalmente. E quando estiver tudo arrumado, eu me deito outra vez de costas, me aqueço ao calor da minha putrefação. E sorrio". *(arranca a página do livro e guarda no bolso do paletó)*

(Sala de estar dos Bergman)

WENDLA - A senhora fez muito comprido, mãe.

ILSE - A Sra. Bergman. *(veste-se)*

SRA. BERGMAN - Wendla, você não é mais uma garotinha, você está fazendo catorze anos.

WENDLA - Se eu soubesse que ia usar um vestido tão comprido, preferia não fazer catorze anos.

SRA. BERGMAN - Não está comprido. Fazer o quê? Que culpa eu tenho se a minha filha tem duas polegadas a mais em cada primavera? Não pode andar por aí de vestidinho curto. Já está crescida.

WENDLA - Mas o vestido curto fica melhor em mim do que esta camisola. Oh, mãe, me deixe usar o vestido curto outra vez. Só mais esse verão. Até o meu próximo aniversário. Olhe só, fica horrível em mim: parece um uniforme de preso e, ainda por cima, eu piso na bainha.

SRA. BERGMAN - Sabe, Wendla, se eu pudesse, te conservava exatamente assim, como você está agora. Na sua idade, a maioria das meninas é desajeitada, esquisita.

Você é o contrário. Quando estiverem todas bem desenvolvidas, imagino como você vai estar.

WENDLA - Quem sabe eu nem exista mais.

(Anoitece)

MELCHIOR - Chega! Não quero mais jogar.

ERNST - Se você parar, a gente tem que parar também. Você fez o dever de casa?

MELCHIOR - Continuem vocês com o jogo.

MORITZ - Onde você vai?

MELCHIOR - Dar uma volta.

ERNST - Está ficando escuro. Você já fez o dever de casa?

MELCHIOR - Eu gosto de andar por aí, à noite.

ERNST - América Central. Luís XV. Sessenta versos de Homero. Sete equações.

MELCHIOR - Pros diabos com o dever de casa.

ERNST - Se pelo menos a composição de Latim não fosse pra amanhã.

MORITZ - Você não pode querer fazer nada, não pode pensar em nada. O dever de casa vem sempre antes, como se fosse uma rachadura, um buraco na terra que abre embaixo dos seus pés.

ERNST - Vou pra casa. Fazer os trabalhos. Boa noite, Melchior.

MELCHIOR - Durma bem.

(Sala de estar dos Bergman)

WENDLA - Quem sabe eu nem exista mais.

SRA. BERGMAN - Wendla, de onde é que você tirou uma idéia dessas?

WENDLA - Ah, mãe, não fique chateada. Desculpe.

SRA. BERGMAN - Minha garotinha, minha querida!

WENDLA - Mas, às vezes, eu penso mesmo nisso. Quando não consigo dormir. São coisas que me vêm na cabeça. Eu não fico triste, durmo até melhor. É feio pensar nessas coisas? É pecado?

SRA. BERGMAN - Tome. Pendure o vestido novo no guarda-roupa. Pode usar o curto, se é o que você quer. Eu posso costurar um babado em volta para ficar mais comprido.

WENDLA - Não, por favor. Isso não. Preferia então já ter vinte anos!

SRA. BERGMAN - Não quero que você apanhe frio, Wendla. Esse vestido era bom de comprimento, mas...

WENDLA - Mãe, é quase verão. Nem as crianças pequenas, de joelhos de fora, ficam doentes. Por que é que tem tanto medo? As pessoas da minha idade não têm frio, muito menos nas pernas. Você acharia melhor se eu morresse de calor? E se eu morresse de calor? E se a sua garotinha cortasse as mangas do vestido, até os ombros? E se eu voltasse para casa, à noite, sem sapatos e sem meias? O dia em que eu tiver que usar a camisola de preso, me visto por baixo com outra coisa. Por baixo, uma Rainha das Fadas. Não fique brava, mãe, ninguém vai poder ver.

(Ernst saiu)

MELCHIOR - Juro por Deus que eu gostaria de saber o que a gente faz no mundo.

MORITZ - Por que a gente tem que ir pra escola? Preferia ser um inseto do que ter que ir pra escola. Por que a gente tem que ir? Pra fazer provas. E por que fazem provas? Pra gente repetir. Sete vão repetir, porque na classe do ano que vem só cabem sessenta alunos. Sete vão ter que evaporar. Desde o Natal que eu ando meio estranho. Um pouco angustiado. Se não fosse pelo meu pai, pegava minhas coisas e ia embora. Pros Estados Unidos.

MELCHIOR - Vamos mudar de assunto?

(Chove)

MARTHA - Como a água entra nos sapatos!

WENDLA - Como o vento sopra no rosto!

THEA - Como o coração bate com força!

WENDLA - Vamos pra ponte, a Ilse disse que o rio transbordou e está levando arbustos e até árvores. Os rapazes fizeram uma jangada. Parece que o Melchior Gabor quase se afogou ontem.

THEA - Ele nada muito bem.

MARTHA - Ele é um ótimo nadador!

WENDLA - Se não fosse, estaria morto.

THEA - Sua trança está solta, Martha. Está desmanchando.

MARTHA - Deixe, pode deixar. Que idiotice! É sempre isso, dia e noite. Fico furiosa! Não posso ter o cabelo curto como o seu, nem solto como o da Wendla. Também não posso ter franja. Até dentro de casa ele tem que estar arrumado, por causa das minhas tias.

WENDLA - Amanhã vou levar uma tesoura na aula de Religião. Enquanto você estiver recitando "Bem-aventurados os limpos de coração...", eu corto a sua trança de uma vez só.

MARTHA - Pelo amor de Deus, Wendla. Não me assuste assim. O meu pai me dava uma surra e a minha mãe me trancava três dias seguidos na casinha do carvão.

(Eles estão dando uma volta)

MORITZ - Você viu aquele gato preto?

MELCHIOR - Você é supersticioso?

MORITZ - Não sei. Ele veio daquele lado e passou na nossa frente, de rabo levantado. Não quer dizer nada.

MELCHIOR - Sabe o que eu acho? Que todo mundo que consegue escapar da idiotice da religião cai de cabeça na idiotice da superstição. Vamos sentar embaixo desta árvore. Esse vento quente que vem de lá de cima. Sabe o que eu gostaria de ser hoje? Um espírito da terra. Balançando lá em cima, nos galhos mais altos, a noite inteira...

MORITZ - Abre o colete, Melchior.

MELCHIOR - É bom o vento entrando por baixo da roupa.

MORITZ - Escureceu tão de repente. Não dá pra ver um palmo na frente do nariz. Cadê você? Você não acha, Melchior, que a vergonha do ser humano é completamente artificial, produto da educação que dão pra gente?

MELCHIOR - Eu fiquei pensando nisso outro dia. Eu acho que a vergonha faz parte da natureza humana. Ninguém escapa dela. Imagine que você precise tirar toda a sua roupa na frente do seu melhor amigo. Você não vai tirar. Só se ele tirar também, ao mesmo tempo.

MORITZ - Se um dia eu tiver filhos, eles vão dormir no mesmo quarto, desde pequenos. Se possível, na mesma cama. De manhã e de noite, eles vão tirar e por a roupa juntos, meninos e meninas, todos juntos. No calor, vão usar uma túnica de linho bem curta, com uma tira de couro pra apertar na cintura. Imagine como essas crianças vão crescer, assim calmas. Diferente de nós.

MELCHIOR - Você tem razão. Mas tem um problema: e se as meninas ficarem grávidas? Como é que fica?

MORITZ - Grávidas? Como assim?

MELCHIOR - Instinto, Moritz. A gente tem que acreditar nele, queira ou não queira. É instinto. Suponha que você tranque um gatinho e uma gatinha, desde pequenos. E eles crescem sem ter nenhum contato com o mundo, com nenhum outro gato. Só os dois e os seus próprios instintos. O que vai acontecer? Um dia, eu aposto, a gata vai aparecer grávida. E nenhum deles teve outro gato por perto. Pra servir de exemplo.

MORITZ - Mas isso com os animais é assim mesmo.

MELCHIOR - E com os seres humanos não? Eu acho que a mesma coisa vai acontecer, Moritz, com os seus meninos e meninas dormindo todos juntos na mesma cama. Uma noite, um dos meninos começa a sonhar e acorda com o instinto fervendo. Eu aposto, Moritz.

MORITZ - É. Você tem razão. Bom, de qualquer modo...

MELCHIOR - E com as meninas vai acontecer a mesma coisa. Você acha que umas idéias não vão começar a borbulhar na cabeça delas? Eu sei que as meninas são um pouco diferentes. Acho que não é a mesma coisa. A verdade é que a gente não sabe. Mas dá pra imaginar. Não dá pra imaginar? O instinto, as idéias, a cama. A curiosidade cuida do resto.

MORITZ - Posso te fazer uma pergunta?

(A chuva parou)

WENDLA - Posso te fazer uma pergunta, Martha? Como é que ele te bate?

MARTHA - Às vezes, eu acho que se eu não existisse, a vida deles ia ficar vazia. Eles iam sentir falta de alguém pra gritar e bater.

THEA - Coitada!

MARTHA - Seus pais deixariam você amarrar uma fita azul no decote da camisola?

THEA - Só cor de rosa. A mamãe diz que combina com os meus olhos pretos.

MARTHA - Eu gostava de azul. Ficava tão bonita! Mas a mamãe puxou o cobertor, me agarrou pela trança e eu caí no chão, de joelhos. Sabe, a mamãe reza com a gente, toda noite.

WENDLA - Se eu fosse você, já tinha fugido há muito tempo.

MARTHA - "Então é isso o que você quer?", ela gritou. "Eu estou vendo no que isso vai dar. Mas você vai aprender. Ah, você vai aprender. E aí você vai entender que a sua mãe estava certa. E ela vai poder ficar com a consciência tranqüila". Você consegue imaginar o que a mamãe quis dizer, Thea? O que é que eu vou aprender?

THEA - Eu não. E você, Wendla?

WENDLA - Eu perguntava pra ela.

MARTHA - Eu fiquei estendida no chão, chorando e gritando. Aí o papai entrou. Um rasgo e pronto, minha camisola se foi. Eu me enrolei no chão, sem roupa, tremendo. E ele gritava: "Olha ali, a porta da rua! Por que não vai embora, assim como está?"

WENDLA - Eu não consigo acreditar.

MARTHA - Eu tremia de frio. Não conseguia levantar a cabeça. De repente ele me agarrou e me jogou dentro do saco de pano. Eu dormi a noite inteira lá.

WENDLA - Se eu pudesse, ficava no seu lugar, Martha.

MARTHA - O que eu não agüento são as surras.

THEA - Mas você não sufocou lá dentro?

MARTHA - A cabeça fica pra fora. Ele amarra embaixo do queixo.

THEA - E depois bate?

MARTHA - Não. Só se tiver algum motivo especial.

(Moritz se aproxima)

MELCHIOR - Claro.

MORITZ - Promete que vai responder.

MELCHIOR - Moritz.

MORITZ - Promete.

MELCHIOR - Prometo. O que é? Pergunta logo.

MORITZ - Você fez a lição de Latim?

MELCHIOR - Moritz, aqui ninguém ouve a gente. Fala logo. O que é?

MORITZ - Essas crianças, as minhas crianças, elas vão ter que passar o dia inteiro trabalhando, trabalhando duro - no jardim, no quintal. Ou então jogando, mas jogos que deixem todos exaustos. Andar a cavalo, fazer ginástica, escalar montanhas. Aí é que eles vão querer mesmo dormir. Vão dormir profundamente, completamente exaustos. Quando você dorme um sono assim muito profundo, eu acho que você nem sonha. A gente é tão mimado que sonha a noite toda.

MELCHIOR - Eu tive um sonho estranho tempos atrás. Eu chicoteava meu cachorro, tão forte e durante tanto tempo que, no fim, ele nem se mexia mais. Foi o pior sonho que eu já tive. Por que está me olhando assim?

MORITZ - Você já sentiu?

MELCHIOR - Sentiu o quê?

MORITZ - Como foi que você chamou a coisa?

MELCHIOR - O instinto?

MORITZ - É.

MELCHIOR - Muito.

MORITZ - Eu também.

MELCHIOR - Na verdade, eu tenho tido essa coisa já faz um tempo. Um ano.

MORITZ - Na hora eu pensei que um raio tinha me acertado.

MELCHIOR - Tinha sonhado?

MORITZ - Só um pouco. Tinha essas pernas com meias azuis, que iam subindo pela mesa do professor. Pra falar a verdade, foi tudo muito rápido.

MELCHIOR - O Georg Zirschnitz sonha com a mãe dele.

MORITZ - Ele te contou?

MELCHIOR - Voltando da escola.

MORITZ - Se você soubesse o que eu passei naquela noite.

MELCHIOR - Ficou com remorso?

MORITZ - Remorso?... Fiquei morto de medo.

MELCHIOR - Meu Deus.

MORITZ - Pensei que eu tinha uma doença sem cura, que eu ia apodrecer por dentro. Aí eu comecei a anotar tudo num diário e isso foi me acalmando. Melchior, essas últimas três semanas foram um calvário pra mim.

MELCHIOR - Quando aconteceu comigo eu estava mais ou menos preparado. Fiquei com um pouco de vergonha, mas foi só.

MORITZ - E você é quase um ano mais novo do que eu.

MELCHIOR - Eu não me preocupo. Pela minha experiência, eu acho que não tem uma idade certa pra essas assombrações aparecerem.Sabe o Lammermeier? Ele é três anos mais velho que eu. O Hanschen Rilow diz que ele ainda sonha com torta de chocolate e geléia de pêssego.

MORITZ - Como o Hanschen Rilow sabe uma coisa dessas?

MELCHIOR - Ele perguntou.

MORITZ - Perguntou? Eu não tinha coragem de perguntar isso pra ninguém.

MELCHIOR - Perguntou pra mim.

MORITZ - É verdade. Não é uma brincadeira muito estranha essa que pregam na gente, Melchior? Todas essas coisas acontecendo. E a gente ainda tem que agradecer. Eu nunca senti nada assim antes - esse tipo de desejo, essa excitação insuportável. É insuportável. Por que não me deixaram passar por tudo isso dormindo e acordar quando já tivesse acabado? Meus pais poderiam ter tido cem filhos melhores do que eu. Mas eu estou aqui, o pior de todos. Sabe Deus de onde eu vim ou como eu cheguei aqui. Agora é assumir a responsabilidade por ter nascido. Você já pensou, Melchior, como é que a gente veio parar nesse redemoinho? Já tentou descobrir isso, Melchior?

(Wendla se aproxima)

WENDLA - O que eles usam pra te bater, Martha?

MARTHA - Qualquer coisa. Sua mãe acha errado você comer um pedaço de pão na cama?

WENDLA - Claro que não.

MARTHA - Eles gostam. Eles não falam, mas eu tenho certeza que eles adoram fazer aquilo. Quando eu tiver filhos, quero que eles cresçam como mato no jardim. Todo mundo ignora o mato e ele cresce forte, alto. As rosas, cheias de cuidados, dão flores cada vez mais raquíticas. Aí, numa primavera, nem isso. Claro, estão mortas.

THEA - Quando eu tiver filhos, quero que eles usem cor de rosa dos pés à cabeça. Chapéu, vestido, sapatos - tudo cor de rosa. Menos as meias. As meias têm que ser pretas, que nem carvão. E quando formos passear, as crianças vão em fila, na minha frente. E você, Wendla?

WENDLA - Como é que vocês sabem se vão ter filhos?

THEA - E por que não?

MARTHA - A tia Euphemia não tem filhos.

THEA - Não seja idiota! É por que ela não é casada.

WENDLA - A tia Bauer foi casada três vezes e não tem nenhum filho.

MARTHA - Mas se você tiver filhos, Wendla, preferia meninos ou meninas?

WENDLA - Meninos! Meninos!

THEA - Eu também. Meninos.

MARTHA - Eu também. Preferia vintes meninos a três meninas.

THEA - Meninas são muito chatas.

MARTHA - Se eu pudesse escolher, seria um menino.

WENDLA - Eu acho que é uma questão de gosto, Martha. Eu agradeço a Deus todos os dias por ser menina. De verdade. Eu não me trocaria nem por um príncipe. E mesmo assim prefiro filhos homens.

THEA - Mas isso não tem lógica. É uma coisa sem pé nem cabeça, Wendla.

WENDLA - Você acha? Deve ser mil vezes melhor ser amada por um homem do que por uma mulher.

THEA - Então você quer dizer que o Pfalle, o estagiário de Agronomia, gosta mais da Melitta do que ela gosta dele?

WENDLA - Claro, Thea! O Pfalle tem orgulho. Tem orgulho de fazer o estágio de Agronomia. Tem orgulho de se tornar um agrônomo. Porque o Pfalle não tem mais nada. E a Melitta? Tudo do que ela pode se orgulhar é de ter o Pfalle. E ela é muito feliz, porque ele dá pra ela dez mil vezes mais do que ela é. Dez mil vezes mais do que ela já teve.

(Melchior parece surpreso)

MELCHIOR - Você ainda não sabe, Moritz?

MORITZ - Como eu posso saber? Eu sei que as galinhas põem ovos, eu já vi. Me disseram que minha mãe me carregou debaixo do coração. Mas é só isso? Sabe a carta da Rainha de Copas? Já viu como os ombros dela ficam nus e o decote desce - quando eu tinha cinco anos eu ficava perturbado quando alguém punha essa carta na mesa. Eu me sentia - ah, Deus sabe - me sentia horrível. Isso passou, mas eu mal consigo falar com uma menina sem ter pensamentos indecentes. Eu juro, Melchior, eu nem sei o que são, mas são pensamentos horríveis.

MELCHIOR - Eu vou te explicar. Do começo até o fim. Uma parte das coisas eu vi nos livros. Vi em desenhos também. O resto foi observando a natureza. Você não vai acreditar. Foi aí que eu desisti da religião, sabe? Eu expliquei tudo isto pro Georg Zirschnitz. Ele quis contar pro Hanschen Rilow, mas a governanta dele já tinha explicado tudo, quando ele era pequeno.

MORITZ - Eu já revirei a enciclopédia, do A até o Z. Palavras, só palavras e mais palavras!Mas nem uma única e simples explicação do que realmente acontece. Essa sensação é estranha - de vergonha. Pra que serve uma enciclopédia que responde tudo, menos a pergunta mais importante sobre a vida?

MELCHIOR - Você já viu dois cachorros, andando pela rua?

MORITZ - Chega, é melhor não me contar mais nada hoje. Eu ainda tenho a América Central, Luís XV, sessenta versos de Homero e sete equações, fora a lição de Latim. Se eu tenho que lidar com tudo isso hoje à noite, é melhor ser estúpido feito um boi. Então, por favor, Melchior.

MELCHIOR - Vamos pra minha casa. Lá no meu quarto, em meia hora eu resolvo os versos de Homero, as equações e as lições de Latim. Alguns erros e pronto, está tudo pronto. Mamãe faz uma limonada e você e eu, Moritz, podemos conversar à vontade sobre reprodução.

MORITZ - Não posso. Eu não quero "conversar à vontade sobre reprodução". O único jeito de isso acontecer, Melchior, é se você escrevesse tudo pra mim, como um manual. Eu acho que isso sim podia me ajudar. Você escreve tudo o que você sabe, de uma maneira bem simples, bem clara. E aí deixa no meio dos meus livros, amanhã, na aula de Ginástica. Eu levo pra casa sem saber e dou com isso de surpresa. Não vou conseguir ficar sem olhar. Se você achar importante, pode colocar desenhos assim, na margem.

MELCHIOR - Você parece uma menina, Moritz. Mas se é assim que você quer... Vai ser um exercício bem interessante. Me responde uma coisa.

(Thea se ajeita)

MARTHA - Me responde uma coisa, Wendla. Você não sente orgulho?

WENDLA - Que coisa mais estúpida!

MARTHA - Se eu fosse você, sentiria muito orgulho.

THEA - É só ver como ela anda, Martha. Você olha firme, Wendla. É um olhar corajoso. Eu acho que isso é orgulho.

WENDLA - Por que eu tenho que ser orgulhosa? Orgulho de quê? Simplesmente eu sou feliz por ser uma menina. Se eu não fosse uma menina, me suicidava, assim da próxima vez... *(param e olham todas para trás)*

(Melchior insiste)

MELCHIOR - Responde?

MORITZ - O quê?

MELCHIOR - Você já viu um corpo de menina?

MORITZ - Claro.

MELCHIOR - Eu quis dizer sem nada.

MORITZ - Completamente nua.

MELCHIOR - Eu também. Então não preciso fazer desenhos.

MORITZ - No Museu de Anatomia de Leilich, durante a competição de tiro ao alvo. Se me pegassem, me expulsavam da escola. Tudo ali, à luz do dia. Parecia de verdade.

MELCHIOR - Ano passado, eu fui com a mamãe pra Franfurt, já vai embora?

MORITZ - Vou fazer o dever de casa. Boa noite.

MELCHIOR - Até logo, Moritz.

(As três olham para trás, vendo Melchior passar)

THEA - Ele é tão bonito! *(Melchior cumprimenta enquanto passa)*

MARTHA - Quando falam de Alexandre, o Grande, na aula de História - é assim que eu imagino...

THEA - Credo! História da Grécia! Só o que eu sei é que Sócrates estava dentro de um barril quando Alexandre vendeu pra ele a sombra do burro.

WENDLA - Parece que ele é o terceiro melhor aluno da classe.

THEA - Alguns professores dizem que ele podia ser o primeiro, se quisesse.

MARTHA - Que rosto ele tem! Mas eu acho que o amigo dele é mais sensível, tem um olhar mais profundo.

WENDLA - Quem? O Moritz Stiefel?

(Em frente à escola)

MELCHIOR - Algum de vocês viu o Moritz Stiefel?

ERNST - Nessa hora ele pode estar encrencado. Encrencado de verdade.

HANSCHEN - Ele faz cada coisa. Qualquer dia ele vai ver só.

ERNST - Eu não queria estar na pele dele agora.

HANSCHEN - Foi um atrevimento aquilo.

MELCHIOR - O que foi? O que aconteceu?

HANSCHEN - O que aconteceu? Bom...

ERNST - Devia ter calado a minha boca. Juro por Deus.

MELCHIOR - Se vocês não me contarem agora o que aconteceu...

HANSCHEN - Tudo bem. O Moritz invadiu a sala dos professores.

MELCHIOR - O quê? Ele invadiu?

HANSCHEN - Depois da aula de Latim.

ERNST - Ele era o último. Ficou pra trás de propósito. Quando eu ia virar, no corredor, eu vi quando ele abriu a porta.

MELCHIOR - Meu Deus!

ERNST - Ele vai precisar muito de Deus agora. Alguém deve ter deixado a chave na porta.

HANSCHEN - Não me admira se ele não tem uma chave falsa. Uma cópia.

ERNST - É bem a cara dele.

HANSCHEN - Se ele tiver sorte, ainda sai bem. Castigo no domingo à tarde e uma advertência na caderneta.

ERNST - Ou então ele é expulso de uma vez.

HANSCHEN - Olha ele aí.

MELCHIOR - Parece um fantasma de tão branco. *(Moritz chega)* Moritz!

(As três estão em pé)

WENDLA - O Moritz é um cretino!

MARTHA - Eu sempre gostei dele.

THEA - Ele sempre põe as pessoas numas situações... Toda vez que eu dou com ele é um embaraço. Na festa do Hanschen Rilow ele me ofereceu bombons. Imagina, Wendla, estavam todos moles e quentes. Isso não é...? Ele disse que ficaram muito tempo dentro do bolso da calça.

WENDLA - Sabe o que o Melchior me disse nessa festa? Ele me disse que não acredita em absolutamente nada.

(Melchior insiste)

MELCHIOR - Moritz, eu não acredito! O que você foi fazer?

MORITZ - Nada.

(Wendla insiste)

WENDLA - Não acredita em Deus. Não acredita em outra vida. Não acredita em nada.

(Moritz insiste)

MORITZ - Nada.

HANSCHEN - Está tremendo.

MORITZ - De felicidade.

ERNST - Te pegaram?

MORITZ - Eu passei, Melchior. Eu passei. O mundo inteiro pode ir pros infernos agora. Quem pensou que eu fosse passar? Eu ainda não estou acreditando. Tive que ler o meu nome umas vinte vezes. Ele está lá, escrito em preto e branco, com mão de fogo. Oh, meu Deus, eu não acredito, eu passei. É tão esquisito. Minha cabeça está até girando. Você bem sabe o que eu sofri, Melchior.

HANSCHEN - Parabéns, Moritz. Você teve sorte.

MORITZ - Você nem imagina tudo o que estava em jogo, Hanschen. Faz três semanas que eu passava ali como se aquilo fosse a boca do inferno. E hoje a porta estava só encostada. Ninguém podia me impedir de entrar, nem por um milhão, nada ia me impedir. Entro na sala, encontro o livro de registros. Abro. Folheio as páginas e encontro, e o tempo todo, meu Deus, eu ainda estou tremendo!

MELCHIOR – Continue, e o tempo todo...?

MORITZ - E o tempo todo a porta atrás de mim escancarada. Até agora eu não sei como eu saí de lá e desci a escada.

HANSCHEN - O Ernst também passou?

MORITZ - O Ernst também passou. Eu vi o nome dele.

ERNST - Você leu direito? Porque tirando os imbecis, ficamos com você e comigo sessenta e um. E a sala lá de cima só pode ter sessenta. É o limite.

MORITZ - Eu li perfeitamente. Você passou tanto quanto eu passei. Mas é provisório: eles vão decidir no primeiro termo qual dos dois vai ficar. Coitado! Eu juro que eu não tenho medo nenhum.

ERNST - Eu aposto cinco marcos, Moritz, que sou eu que vou passar de vez.

MORITZ - Não quero tirar dinheiro de um mendigo, Ernst. Agora eu posso dizer pra vocês - vocês acreditem ou não, que agora não me interessa mais nada. Eu tinha tomado uma decisão. Se eu não passasse, dava um tiro na cabeça.

HANSCHEN - Papo furado!

ERNST - Você não tem coragem nem de encostar numa arma. O que você precisa é de um murro no meio da cara. *(avança para cima de Moritz; Melchior se interpõe e dá um murro em Ernst)*

MELCHIOR - Anda, Moritz. Vamos embora.

HANSCHEN - Você não engole esse monte de lixo que ele disse, engole, Melchior?

MELCHIOR - O que é que você tem com isso? Anda, Moritz. Deixa eles falarem o que quiserem. Vamos embora daqui. *(Saem Melchior e Moritz)*

HANSCHEN - Não fique chateado.

ERNST - Que pena, os minutos. Mal empregados minutos.

(CONTRA-REGRAGEM)

(Quarto de Melchior. Hanschen Rilow senta-se no vaso sanitário)

MORITZ - Agora eu estou bem. Meio elétrico, só. Na aula de Grego eu dormi o sono da morte, nem sei como o professor não arrancou a minha orelha. Foi por um triz que eu não cheguei tarde na escola. A primeira coisa que eu pensei, quando acordei, foi nos verbos que terminam em "mi". Que inferno, passei o café da manhã inteiro conjugando esses malditos verbos. O caminho pra escola também. Parecia que o meu cérebro ia parar a qualquer momento. Eu acho que eu dormi depois das três. A caneta fez uma mancha no caderno. Quando eu acordei, já tinha lampiões acesos. E uns passarinhos pretos cantando embaixo da minha janela. Era quase de noite. Eu me senti completamente deprimido. Terrivelmente deprimido. Nem sei como explicar, um sentimento negro. Me arrumei, penteei o cabelo. A gente se sente acordado quando vai contra a própria natureza.

MELCHIOR - Quer que eu enrole um cigarro pra você?

MORITZ - Obrigado. Não acho que esse seja um bom momento pra fumar. Quero que as coisas fiquem firmes nos seus lugares. Vou estudar até meus olhos pegarem fogo. O Ernst Robel já teve seis reprovas. Três de Grego, duas com o Knochenbruch e a última em Literatura. Eu só tive cinco e nunca mais! O Ernst não se mata de estudar. Os pais dele não se sacrificam. Ele pode desistir e virar um mercenário. Um cowboy. Um marinheiro. Se eu repetir, meu pai tem um ataque do coração e minha mãe vai pro manicômio. Então. Ninguém agüenta uma coisa assim. Antes das provas, eu rezei. Eu implorei que Deus me deixasse tuberculoso - mas que, por favor, que eu não precisasse provar desse cálice. Eu não precisei, mas ainda consigo ver o seu brilho dourado. Ele fica ali, a uma certa distância. Eu não ouso nem levantar o olho. Mas agora eu já apanhei a escada e vou subir degrau por degrau, até o fim. Eu preciso. Bem agarrado, porque se eu cair, quebro o pescoço. Aí está tudo acabado.

MELCHIOR - A qualquer momento, a vida pode fazer da gente um idiota. Um palhaço. Às vezes, eu acho que eu podia, de verdade, me enforcar num galho de árvore, por aí.

(Tarde de sol, no meio da mata. Moritz olha pela janela do quarto de Melchior)

MELCHIOR - É você, Wendla? O que é que você está fazendo aqui? Está sozinha? Faz umas três horas que eu estou andando pelo meio da mata, sem encontrar uma alma. E agora aparece você, de repente, bem na parte mais fechada.

WENDLA - Sou eu.

MELCHIOR - Wendla Bergman. Se eu não te conhecesse, podia imaginar que era uma dríade, caída lá dos galhos mais altos.

WENDLA - Sou a mesma Wendla Bergman de sempre. E você, está fazendo o que, aqui?

MELCHIOR - Andando. Pensando.

WENDLA - Estou procurando brincos-de-princesa. Mamãe vai fazer ponche. Ela vinha comigo, mas aí a tia Bauer chegou e ela não agüenta as subidas. Então eu vim sozinha.

MELCHIOR - Achou as flores?

WENDLA - Um cesto cheio. Ali embaixo daquelas árvores elas crescem feito mato. Eu estava procurando a saída. Acho que eu me perdi. Que horas são?

MELCHIOR - Três e meia. Tem que chegar em casa que horas?

WENDLA - Pensei que fosse mais tarde. Eu fiquei deitada na margem do rio não sei quanto tempo. Tive um sonho tão, o tempo voou. Fiquei com medo que já fosse de noite.

MELCHIOR - Tem tempo. Sente um pouco. Aqui é o meu lugar preferido, embaixo dos carvalhos. Você fica hipnotizado se encosta a cabeça no tronco e olha pro céu, entre os galhos. Parece um transe. Olha como o chão ainda está quente, do sol. Já faz um tempo que eu queria te perguntar uma coisa, Wendla.

WENDLA - Eu tenho que chegar em casa antes das cinco.

MELCHIOR - Eu vou junto. Levo o cesto pra você. A gente pega um atalho pelo riacho e em dez minutos já estamos na ponte. Quando você deita aqui e fica olhando pra cima, tem cada idéia. Pode acreditar.

(Sala na casa dos Bergman. Moritz, hipnotizado, ainda olha pela janela)

SRA. BERGMAN - Wendla! Wendla!

WENDLA - Mãe? A senhora já saiu?

SRA. BERGMAN - Eu quero que você vá depressa à casa da Ina levar esta cesta.

WENDLA - Você foi lá, mãe? Como é que ela está? Ainda não está melhor?

SRA. BERGMAN - Imagina, Wendla. Ontem à noite, a cegonha visitou sua irmã e deixou um menino de presente.

WENDLA - Um menino? Mãe, que maravilha. Um menino! Então era por isso que a gripe dela nunca passava.

SRA. BERGMAN - Um menino lindo!

WENDLA - Eu tenho que ir lá ver, mãe. Então eu sou tia pela terceira vez. Tia de uma menina e de dois meninos.

SRA. BERGMAN - E que meninos! É o que acontece quando se vive sob a proteção da igreja. Amanhã faz dois anos que a sua irmã subiu no altar, vestida de noiva.

WENDLA - A senhora estava lá quando a cegonha trouxe o menino?

SRA. BERGMAN - Tinha acabado de ir embora. Não quer por uma rosa no vestido?

WENDLA - Ah, mãe, por que não chegou lá mais cedo?

SRA. BERGMAN - Eu acho que ela trouxe alguma coisa pra você também, filha. Um broche ou qualquer coisa parecida.

WENDLA - Que pena!

SRA. BERGMAN - Por quê? Eu tenho certeza que é um broche lindo.

WENDLA - Eu tenho de sobra.

SRA. BERGMAN - O que é que você quer?

WENDLA - Quero saber se a cegonha entrou pela janela ou pela chaminé.

SRA. BERGMAN - Pergunte à sua irmã. Pergunte a Ina, filha. Oh, meu amor, ela vai te contar. Ela ficou bem uma meia hora falando com a cegonha.

WENDLA - Assim que eu chegar lá, vou perguntar a Ina.

SRA. BERGMAN - Não esqueça, ouviu? Depois me conte, porque eu mesma gostaria de saber se a cegonha entrou pela janela ou pela chaminé.

WENDLA - Não seria melhor perguntar ao homem que limpa a chaminé? Ele pode saber, não pode?

SRA. BERGMAN - Por Deus, Wendla! Nada de perguntar uma coisa dessas pra ele. O que é que ele pode saber sobre cegonhas? Ele vai te responder coisas absurdas, coisas em que nem ele mesmo acredita. O que é que você está olhando, Wendla?

(Hanschen Rilow tira da camisa uma reprodução da Vênus, de Palmavecchio)

HANSCHEN - Você já rezou hoje, Desdêmona? Eu não acho que você rezou com bastante força, querida, fica me olhando como se soubesse o que vai acontecer. Como naquele dia, no nosso primeiro encontro, quando eu espiei você deitada na vitrine do Schlesinger, entre um candelabro de bronze e um facão de caça. Tão alucinante. Os membros flexíveis. A curva suave do quadril. Os seios duros e jovens. Como deve ter ficado embriagado o grande mestre, quando teve a modelo de quatorze anos estendida ali, bem na sua frente, no divã. Ele podia tocar, se quisesse. Você vem me visitar nos meus sonhos? Eu me deito na cama quente, abro os braços e te beijo até você sufocar. Você toma conta de mim, entra em mim como a dama entra no seu palácio deserto. Quando as portas são abertas por mãos invisíveis. E lá embaixo, no jardim, a fonte começa a jorrar mais uma vez. *(começa a se masturbar)*

(Melchior muda de assunto)

MELCHIOR - Minha mãe não disse que ia trazer chá pra gente?

MORITZ - Um chá ia me fazer bem. Olha, eu estou tremendo. Eu estou me sentindo tão leve, como se não tivesse corpo. Põe a mão aqui, Melchior. Vejo tudo tão claro, e ouço também, mais definido, sabe? Parece sonho. O jeito que o jardim some no meio do luar, como se fosse pro infinito. Que silêncio! Ali no meio do mato eu vejo umas formas opacas. Elas deslizam no meio dos arbustos e depois somem na penumbra, misteriosamente. É um conselho, uma reunião de alguma coisa, embaixo da castanheira. Alguma coisa está sendo decidida lá. Vamos descer e ver o que é, Melchior?

MELCHIOR - Quem sabe, depois do chá?

MORITZ - As folhas parece que murmuram alguma coisa. É como se eu escutasse a minha avó, que Deus a tenha, me contando baixinho a história da Rainha Sem Cabeça. Era uma rainha muito bonita, a mulher mais linda do reino. Mas por uma infelicidade, tinha vindo ao mundo sem a cabeça. Não podia comer, nem beber, nem ver, nem rir. E também não podia beijar. Só podia se comunicar por gestos, com suas mãos pequenas e macias. Declarava sentenças de guerra e de morte com movimentos dos seus pés, muito delicados. Um dia ela foi derrotada por um reino cujo rei, por acaso, tinha duas cabeças. As duas brigavam muito. Discutiam de tal maneira que nenhuma deixava a outra falar. O mágico da corte pegou a cabeça menor e colocou na rainha. Foi perfeito, encaixou como uma luva. Eles se casaram e, a partir desse dia, as cabeças não brigaram mais. Passaram a se beijar. Na testa, na ponta do nariz, na boca... E viveram felizes assim, por muitos anos. Não é um absurdo, Melchior? Desde as férias que eu não penso em outra coisa a não ser na Rainha Sem Cabeça. Não paro de pensar nela. E quando eu vejo uma menina bonita, eu imagino como ela seria sem cabeça. Depois, de repente, eu sou a Rainha Sem Cabeça. Eu. E a possibilidade de alguém colocar outra cabeça sobre o meu pescoço.

(Os dois estão deitados embaixo do carvalho)

WENDLA - O que é que você queria perguntar?

MELCHIOR - Eu ouvi dizer que você visita gente pobre. Leva comida, roupa, até dinheiro. É você que quer ou sua mãe que manda?

WENDLA - Quase sempre é a minha mãe que manda. São famílias com tantos filhos. O pai não consegue trabalho muitas vezes. Então eles passam fome e frio. E lá em casa tem tantas coisas nos armários, que ninguém mais usa. Por que você perguntou?

MELCHIOR - Você gosta de ir?

WENDLA - Claro que eu gosto de ir. Que pergunta!

MELCHIOR - Mas as crianças não são porcas? As mulheres doentes? As casas são imundas, dá pra ver passando na frente. Eles devem odiar porque você é rica e não precisa trabalhar.

WENDLA - Mentira. E se isso, por acaso, fosse verdade, aí é que eu ia mesmo.

MELCHIOR - Como assim "aí é que eu ia mesmo"?

WENDLA - Me daria mais prazer ainda poder ajudar.

MELCHIOR - Então você visita os pobres porque te dá prazer?

WENDLA - Vou porque eles são pobres, Melchior.

MELCHIOR - Mas se não sentisse prazer, não iria?

WENDLA - Que culpa eu tenho se me dá prazer?

MELCHIOR - Te dá prazer e vai te levar pro céu. Eu tinha razão. Um homem não é um vilão se não sente prazer em visitar crianças pobres e doentes.

WENDLA - Aposto que você ia gostar, se fosse.

MELCHIOR - E porque ele não sente nenhum prazer nisso, vai arder no fogo do inferno por toda a eternidade! Eu vou escrever uma dissertação sobre isso e mandar pro Pastor. Ele é que provocou isso, os absurdos que ele fala sobre a alegria de dar! Se ele não conseguir me responder, não volto mais pro catecismo e não quero mais ser crismado.

WENDLA - Mas como você vai fazer isso com os seus pais? Eles vão morrer de desgosto. O que custa ser crismado? Não é o fim do mundo. Só não gosto das roupas que fazem a gente usar.

MELCHIOR - Não existe isso de doação, sacrifício. Eu vejo as pessoas boas se orgulharem da sua bondade e vejo as pessoas ruins gemendo feito condenados. E vejo você, Wendla Bergman, rindo e sacudindo o cabelo, e o tempo inteiro eu me sinto tão distante. Quase um estrangeiro. Como se eu visse vocês de longe, de um outro mundo. Wendla, quando você cochilou na margem do rio, o que foi que você sonhou?

(A Sra. Bergman aproxima-se de Wendla. Hanschen Rilow esfrega a Vênus em seu corpo)

SRA. BERGMAN - Diga, Wendla, por que é que está olhando assim, lá pra fora?

WENDLA - Um homem, mãe, três vezes o tamanho de um búfalo. E com o pé do tamanho de um barco.

SRA. BERGMAN - Não é possível!

WENDLA - Está virando a esquina!

SRA. BERGMAN - *(corre à janela)* Seu diabinho! Dar um susto desses na sua mãe! Vai logo. Não esqueça a cesta. Quando é que você vai crescer, Wendla? Eu quase já perdi a esperança.

WENDLA - Eu também, mãe. Já perdi a esperança de crescer. Eu tenho uma irmã que está casada há dois anos, eu mesma sou tia pela terceira vez e não faço a menor idéia de como as coisas acontecem... Não fique brava, mãe. Pra quem eu posso perguntar, se não for pra você? Me responda, mãe, me responda. Como é que acontece? Eu tenho quatorze anos. Com quatorze anos ninguém mais acredita nessa história de cegonha.

SRA. BERGMAN - Meu Deus! Que filha eu tenho. Você tem cada idéia. Eu não posso, Wendla.

WENDLA - Por que não, mãe? Por que não? Não pode ser tão horrível assim, se o resultado alegra todo mundo!

SRA. BERGMAN - Meu Deus, eu não mereço isso. Vá, pegue o casaco. Vamos.

WENDLA - Eu estou indo. Sua filhinha vai direto perguntar pro homem da chaminé como é que as coisas acontecem.

SRA. BERGMAN - Você quer me enlouquecer? É isso? Venha aqui, filha. Venha. Eu vou te contar tudo. Mas, por Deus, não hoje. Amanhã. Ou depois de amanhã. Na semana que vem. Quando você quiser, meu anjo.

(Hanschen volta a olhar para a Vênus)

HANSCHEN - Esse aperto no coração. Isso só mostra que eu não te mato assim, futilmente. Minha garganta seca quando eu penso nas noites solitárias. Eu juro por Deus que não é ausência de desejo, nem é porque se esgotaram os seus encantos. Que homem poderia se desinteressar por você? É que a sua castidade exige muito. Você seca a medula dos meus ossos, torce a minha espinha, tira o brilho jovem dos meus olhos. Um de nós tem que morrer. E a vitória vai ser minha. Quantas já se foram, antes de você? Psique, Io, Galatéia, Cupido, Ada? Essa eu roubei da escrivaninha do meu pai e acrescentei no harém. E a Leda, que caiu dos cadernos do meu irmão mais velho? Seis. Foram seis antes de você. Pros infernos! Que isso te sirva de consolo. Nada desse olhar de súplica. Isso só aumenta o meu desespero. Você não está morrendo por causa dos seus pecados. É por causa dos meus. É pra salvar a minha pele que eu cometo esse crime, com o coração sangrando. Pela sétima vez. Mas minha consciência vai ficar mais tranqüila e o meu corpo vai ficar mais forte, quando você, demônio, não se deitar mais na seda vermelha do meu porta-jóias. Eu arranjo depois uma Lorelei pra te substituir.

Mais três meses desse teu sexo desnudado e os meus miolos iam derreter. Já é hora de separar a cama da mesa.

(Sra. Gabor entra no quarto)

MARTHA - A Sra. Gabor. *(veste-se)*

SRA. GABOR - Aqui está o chá. Tem leite e açúcar, se vocês quiserem. Como vai o senhor, Sr. Stiefel?

MORITZ - Bem, obrigado, Sra. Gabor. Eu estava olhando coisas muito estranhas que acontecem no jardim, lá embaixo.

SRA. GABOR - Você está pálido. Está se sentindo bem?

MORITZ - Eu tenho dormido pouco esses dias.

MELCHIOR - Imagina que ele passou a noite em claro, estudando.

SRA. GABOR - Você acha isso correto, Sr. Stiefel? É sempre bom lembrar que existem prioridades. E a saúde vem antes de tudo. Estudos nunca vêm antes da saúde. Passear ao ar livre. Abrir os pulmões. É muito mais importante na sua idade do que se enterrar nas lições de Alemão.

MORITZ - A senhora tem razão, Sra. Gabor. Passeios. E eu posso estudar enquanto faço uma caminhada. Como eu não pensei nisso antes? O que precisar escrever eu faço em casa.

MELCHIOR - Faça aqui, comigo. Fica mais fácil pra nós dois. Você soube, mãe, que o Max Von Trenk morreu hoje? De febre tifóide. O Hanschen Rilow chegou ao meio-dia na escola e foi direto contar pro Reitor que tinha acabado de deixar o Max no leito de morte. Sabe o que o Reitor disse? "Hanschen! Você deve duas horas de castigo da semana passada. Tome a sua advertência de hoje. Entregue para o inspetor. A turma toda deve ir ao funeral". O Hanschen ficou ali, petrificado.

(Wendla olha para o nada)

WENDLA - Sonhei que era uma menina pobre, muito pobre, uma mendiga. Que me mandavam de manhãzinha cedo, lá pelas cinco horas, para a rua. E que eu tinha que pedir durante o dia todo, no sol e na chuva. E que pedia a homens cruéis, duros. E que voltava para casa de noite, tremendo de fome e de frio e não tinha o dinheiro que o meu pai queria, e então me batiam, me batiam...

MELCHIOR - Eu sei o que é isso. São essas malditas histórias infantis. Wendla, você não sabe que não existem pais insensíveis assim? Só nas histórias.

WENDLA - É mesmo? Não existem? Engano seu. A Martha Bessel apanha todas as noites, de uma maneira que no dia seguinte dá pra ver os vergões. Oh, meu Deus! O que ela tem que passar. A pessoa ferve só de ouvir. Tenho tanta pena dela! Eu acordo muitas

vezes no meio da noite, chorando, com pena dela. Há meses que ando pensando como é que eu podia ajudar. Ficar no lugar dela durante uma semana, sei lá.

MELCHIOR - O pai dela devia ser denunciado. Aí tiravam ela de lá.

WENDLA - Em mim nunca ninguém bateu. Nem uma única vez. Eu nem imagino bem o que é isso, de levar uma sova. Eu já bati em mim mesma, para saber como é que as pessoas se sentem. Deve ser horrível.

MELCHIOR - Eu não acredito que uma criança se corrija assim.

WENDLA - Assim como?

MELCHIOR - Com surras.

WENDLA - Dessa vara, por exemplo.

MELCHIOR - Essa tira sangue.

WENDLA - Melchior, você era capaz de me bater com ela?

MELCHIOR - Bater em você?

WENDLA - Isso. Em mim. Agora.

MELCHIOR - Wendla, o que foi que deu em você?

WENDLA - Por que não?

MELCHIOR - Chega! Eu não vou bater em você.

WENDLA - Eu deixo.

MELCHIOR - Nunca.

WENDLA - E se eu implorasse, Melchior?

MELCHIOR - Você está doida?

WENDLA - Nunca me bateram, em toda a minha vida.

MELCHIOR - Se você é capaz de implorar uma coisa dessas...

WENDLA - Por favor, Melchior. Por favor.

MELCHIOR - Por favor? Eu vou te ensinar como se pede "Por favor"! *(bate nela com a vara)*

WENDLA - Não sinto nada.

MELCHIOR - Também, todas essas saias.

WENDLA - *(subindo as saias)* Então, me bata nas pernas.

MELCHIOR - Wendla! *(bate com mais força)*

WENDLA - Isso não é bater, Melchior. Me bata de verdade!

MELCHIOR - Bruxa! De verdade? Então espere. Eu vou te arrancar o demônio do corpo. *(joga fora a vara e começa a dar socos em Wendla. Ela grita. Ele a ataca com mais violência e chora furiosamente. Levanta-se e, de repente, foge para o meio da mata, soluçando)*

(Wendla enfrenta a mãe. Hanschen Rilow começa a rasgar a Vênus)

WENDLA - Hoje. Agora. Agora que eu vejo como fica horrorizada, agora eu não durmo sem saber o que acontece.

SRA. BERGMAN - Eu não posso.

WENDLA - Mãe, olha. Você senta aqui. Eu ponho a cabeça no seu colo e me cubro com a saia - aí você simplesmente começa a falar. Como se estivesse falando sozinha. Eu não me mexo, não choro nem nada. Seja o que for, eu fico bem aqui.

SRA. BERGMAN - Deus sabe que eu não tenho culpa, Wendla. O céu é testemunha. Venha, pelo amor de Deus. Venha aqui. Eu vou te contar como a gente vem parar neste mundo. Escute.

WENDLA - *(debaixo da saia da mãe)* Estou escutando.

SRA. BERGMAN - Eu não consigo. Meu Deus, eu não consigo. Eu não posso tomar essa responsabilidade. Eu mereço que me joguem numa prisão. Eu mereço que tirem você de mim.

WENDLA - Por favor, mãe!

SRA. BERGMAN - Então escute!

WENDLA - Meu Deus.

SRA. BERGMAN - Se você quer ter um bebê - você está escutando?

WENDLA - Mãe, eu não consigo agüentar isso mais tempo. Por favor.

SRA. BERGMAN - Se você quer ter um bebê, você tem que amar o homem - o homem que é seu marido - você tem que amar esse homem, amar de verdade, só como uma mulher pode amar um homem. Você tem que amar tanto - com todo o seu coração e todo, tanto, que... Nem se pode dizer com palavras. Você tem que amar esse homem de um jeito que uma menina da sua idade ainda não sabe amar. É isso. Pronto.

WENDLA - Meu Deus do céu!

SRA. BERGMAN - Agora você sabe a provação que vai ter que passar.

WENDLA - E isso é tudo?

SRA. BERGMAN - Deus é testemunha. Pegue a cesta e vá pra casa da sua irmã. Ele vai te dar chocolate. E tem bolo também. Deixa eu te ver. Botinas amarradas, luvas, vestido limpinho, rosa no vestido. O vestido é tão bonito, mas que está muito curto - ah, isso está!

WENDLA - A senhora já comprou a carne pro almoço?

SRA. BERGMAN - Deus te abençoe. Eu acho que eu vou mesmo por um babado embaixo.

(Hanschen tem os pedaços da Vênus na mão. Moritz volta a olhar pela janela)

HANSCHEN - Eu sinto que existem cem imperadores romanos dentro de mim. Um brinde àquela que vai morrer! Ah, menina, por que é que os seus joelhos se apertam assim, com força? Mesmo agora, quando você já vislumbra a eternidade, por que é que os seus joelhos se beijam? Se você piscasse o olho ou abrisse um pouco os lábios úmidos, eu te libertava. Um sinal de luxúria, de simpatia. Eu te emoldurava em ouro, em cima da minha cama. Você não percebe? Não adivinha? O que me deixa louco é a sua castidade. É dela que nasce a minha depravação. Por isso, eu te amaldiçôo. Todas da sua laia. Esses monstros de educação esmerada. Como a minha.

(Sra. Gabor vê o livro)

SRA. GABOR - Que livro está lendo, Melchior?

MELCHIOR - Fausto.

SRA. GABOR - Terminou?

MELCHIOR - Falta um pouco.

SRA. GABOR - Se eu fosse você, teria esperado um ano ou dois para ler o Fausto. Talvez dois anos.

MELCHIOR - Eu nunca vi, em nenhum livro, passagens de beleza assim, tão intensa. Por que esperar?

SRA. GABOR - Muito dele ainda está fora do alcance do seu entendimento.

MELCHIOR - Mãe, como é que você pode saber uma coisa dessas? Eu bem sei que não consigo compreender muitas coisas nele.

MORITZ - Nós lemos os dois juntos, ajuda a entender.

SRA. GABOR - Melchior, eu sei que você já tem idade para saber o que é bom para você e o que não é. Você tem consciência de que só se faz uma coisa quando se pode assumir a responsabilidade por essa coisa. Eu vou ser sempre grata a você por não me colocar na posição de te privar de nada. Só queria te lembrar que mesmo o melhor livro pode ser prejudicial, se for lido na hora errada. O melhor precisa sempre de maturidade. Experiência. Mas eu confio em você, Melchior, mais do que em qualquer norma pedagógica. Se vocês precisarem de mais alguma coisa, eu estou no meu quarto. *(Sai)*

MORITZ - Acho que a sua mãe estava falando da história do casamento. Do Fausto e da...

MELCHIOR - E a gente não passou batido por aquilo?

MORITZ - Nem o próprio Fausto se interessaria.

MELCHIOR - Eu não posso imaginar que aquilo seja o clímax. Se o Fausto prometesse que ia casar com a moça, ou se ele fosse embora e largasse ela lá, de qualquer jeito ele seria culpado. E se ela morresse de desgosto? E eu com isso? Mas todo mundo fica tão chocado por causa desse trecho, parece que só existe isso. Parece que o mundo inteiro gira em volta de um pênis e de uma vagina.

(Wendla encontra Melchior no celeiro. Hanschen Rilow ergue a tampa do vaso sanitário)

WENDLA - Você fugiu pra cá? Está todo mundo te procurando. Vai cair uma tempestade.

MELCHIOR - Vai embora.

WENDLA - O que foi? Por que é que está se escondendo aí?

MELCHIOR - Vai embora ou eu te jogo no chão, lá embaixo.

WENDLA - Você não manda em mim. Se eu quiser ficar, eu fico. Venha comigo, Melchior. A gente pode passear na mata de novo. Ou ficar no meio da tempestade até a gente ficar ensopado. Não ia ser ótimo?

MELCHIOR - Você sente esse cheiro de palha? Não é estonteante? O céu lá fora deve estar um chumbo. Eu só consigo ver essa sua rosa. Parece que brilha.

HANSCHEN - Você já rezou hoje, Desdêmona? Que aperto no coração.

MELCHIOR - E o seu coração, eu consigo escutar o seu coração batendo. Só o que eu consigo escutar é o seu coração batendo.

HANSCHEN - Sabia que Santa Inês também morreu por causa da castidade? Num bordel? E ela nem de longe estava nua como você. Cortaram sua cabeça.

WENDLA - Não me beije! Não, Melchior, não me beije!

MELCHIOR - O seu coração, eu consigo escutar o seu coração.

HANSCHEN - Mais um beijo.

WENDLA - As pessoas se amam quando se beijam... Não, Melchior!

HANSCHEN - Esse ventre...

MELCHIOR - Amor não existe. Não existe, sabe? Só o que existe é interesse. Eu te amo tão pouco quanto você me ama.

HANSCHEN - Esses joelhos... Joelhos cruéis...

WENDLA - Por favor, Melchior! Por favor!

MELCHIOR - Wendla!

HANSCHEN - Tem que ser assim, meu coração. Tem que ser. *(joga os pedaços no vaso sanitário e fecha a tampa, sempre se masturbando, até gozar)*

WENDLA - Não, Melchior! Não! Não... Não...

(Moritz sai da janela)

MORITZ - Desde que eu li o manual que você me escreveu, eu tenho essa sensação. Pênis e vagina. Talvez o meu mundo gire em volta disso também. Eu abri o meu livro de Francês e dei com aquilo. Fui e tranquei a porta. As linhas queimavam e as palavras pulavam pra cima e pra baixo. Eu acho que li quase tudo com os olhos fechados. As suas explicações são estranhas - ao mesmo tempo são familiares. O que mais me perturbou foi o que você disse sobre as meninas. A sensibilidade delas tem a frescura de uma flor que brota na pedra. Ela ergue a taça (que nenhuma boca ainda encostou) e toma o néctar, enquanto ele queima e brilha. O prazer do homem, comparado com isso, é insosso e miserável.

(Wendla está no jardim. É de manhã)

WENDLA - Por que é que você saiu do quarto? Foi pegar violetas? Porque a mamãe ia me ver sorrindo. Por que você não consegue mais controlar os lábios? Não sei. O que é que está acontecendo comigo? Eu nem sei achar as palavras pra explicar isso. O caminho parece de veludo. Nem uma pedrinha. Nem um espinho. Os meus pés não encostam no chão. Como eu dormi de noite! Era aqui que elas estavam. Eu me sinto estranha, como uma freira na comunhão. Violetas lindas! Não, mamãe, fique calma. Vou usar o vestido comprido. Se pelo menos aparecesse alguém que eu pudesse abraçar e contar tudo.

(Ainda no quarto)

MELCHIOR - Você ache o que quiser, mas guarde pra você. Eu não me permito nem sequer pensar sobre esse assunto.

(CONTRA-REGRAGEM)

(O sol se põe, por trás das nuvens pesadas de chuva. Ouve-se o rio)

SRA. GABOR - *(em off)* "Caro Sr. Stiefel. Tenho pensado sobre o que me escreveu. Agora, com o coração pesado, respondo. Dou minha palavra que não tenho como emprestar o dinheiro para sua passagem para Amsterdam. Mesmo se eu tivesse o dinheiro, não seria irresponsável a ponto de cometer esse pecado, oferecendo os meios para um ato tão irrefletido e cheio de conseqüências. Será injusto da sua parte imaginar que isso seja falta de amor. Ao contrário. Se ajudar, escrevo para os seus pais. Posso tentar explicar que você fez tudo o que era possível, até o limite do esgotamento - e que uma avaliação severa demais seria imensamente prejudicial à sua saúde física e psíquica. Mas o que me deixou perplexa foi a menção de que pretende tirar a própria vida, caso não tenha meios de fugir. Não há desgraça que justifique isso. Além disso, me entristece a maneira como você tenta me tornar responsável por esse crime horrível, a mim que sempre te dei provas de bondade e simpatia. Isso se chama chantagem. De você eu nunca esperaria isso. Estou convencida que o terror compromete sua razão e espero que minhas palavras o encontrem mais equilibrado. Não exagere, não se julga ninguém pelos boletins da escola. E saiba que, no que depender de mim, sua relação com Melchior continua a mesma. Por mais que te condenem, eu admiro e apóio a amizade de vocês. Levante a cabeça, Stiefel! Crises assim são parte da vida, se todos apelassem ao punhal ou ao veneno, não haveria mais homens no mundo. De sua amiga... Fanny Gabor".

MORITZ - É assim que tem que ser. Eu não me encaixo. Eles que enlouqueçam, eu não ligo mais. Vou fechar a porta e pronto - liberdade. Chega de me empurrarem pra lá e pra cá. A pressão. Eu não culpo os meus pais. Mas mesmo assim, eles deviam estar preparados pro pior. Eles têm idade suficiente pra saber o que estão fazendo. Por que é que eu tenho que pagar pelo fato de todos os lugares estarem ocupados? Se os bebês não fossem burros quando nascem, eu podia ter escolhido ser uma outra pessoa. Engraçado que nascer seja assim, uma obra do acaso. É de dar um tiro na cabeça! Pelo menos o tempo está cooperando. Ameaçou chuva o dia todo. Tudo estava tão quieto hoje. Em paz. Cada coisa no seu lugar - o céu e a terra. Eu estou curioso. Deve ser uma sensação diferente - como cair de uma cachoeira. Eu não vou voltar e dizer que eu não fiz nada. É uma vergonha ter sido um homem e não ter conhecido aquilo que é mais humano. "Foi ao Egito e não viu as pirâmides, senhor?"

(O Reitor Sonnenstich abre a reunião)

MELCHIOR - O Reitor Sonnenstich. *(veste-se)*

SONNENSTICH - Senhores! Temos argumentos irrefutáveis para solicitar ao Ministério da Educação a expulsão imediata do nosso aluno criminoso. Essa expulsão não deve ser evitada se quisermos uma condenação apropriada para a desgraça que aconteceu. Essa expulsão não deve ser evitada para que o culpado não saia impune, ileso e inconsciente da gravidade do seu crime. Mas o mais importante: essa expulsão não deve ser evitada para que se proteja nossa instituição da epidemia de suicídios que eclodiu em tantas escolas e que resistiu até hoje a todas as tentativas de se prender o aluno às condições civilizadas de existência, criadas pelo cultivo de um caráter nobre e refinado. Os senhores têm alguma coisa a dizer? Traga o rapaz!

(*Moritz segura a carta da Sra. Gabor)*

MORITZ - Chega de chorar. Eu não quero pensar no enterro. O Melchior vai por uma coroa no meu caixão. O pastor vai consolar meus pais. O reitor vai citar exemplos da História. Eu gostaria de um túmulo de mármore branco. Mas não vou sentir falta, graças a Deus. Túmulos são pros vivos. Eu levaria um ano pra me despedir de todo mundo. Chega de chorar. É bom poder olhar pra trás sem amargura. Todas as noites que eu passei com o Melchior. No mato, perto do rio. Na ponte. E essa tristeza, de o meu destino ter sido esse que foi. Lá longe eu consigo ver o rosto de pessoas conhecidas. Sérios. E de novo a Rainha Sem Cabeça. Abrindo os braços pra mim. A minha passagem pra liberdade está aqui. A vida é só uma questão de gosto. Você gosta dela. Ou vai embora.

(Melchior entra)

SONNENSTICH - Chegue mais perto. Depois de saber do crime abjeto perpetrado por seu filho, o Sr. Stiefel revistou os papéis do finado Moritz na esperança de encontrar uma indicação do motivo para um ato tão inqualificável. O fato é que ele achou um documento que, apesar de não justificar a atrocidade, comprova o estado de degradação moral que foi decisiva para o crime. O documento em questão chama-se "O Coito", uma dissertação de vinte páginas em forma de diálogo, com ilustrações das obscenidades mais imundas. O senhor conhece este documento? Sabe qual é o conteúdo deste documento? É a sua letra? O senhor é o autor desta imundície? O senhor limite-se a responder às perguntas. De preferência com "Sim" ou "Não". Insolente! Sem-vergonha! Não queira me fazer de tolo, Gabor! Cale a boca, rapaz! O seu comportamento é um desrespeito a este corpo docente aqui reunido. Encerrem a ata e levem este demônio daqui.

(Ilse entra)

ILSE - O que foi que você perdeu?

MORITZ - Ilse?

ILSE - O que é que você está procurando?

MORITZ - Por que é que me assustou desse jeito?

ILSE - O que foi que você perdeu? O que é que está procurando?

MORITZ - Que susto que eu levei. Estou suando frio.

ILSE - Eu vim da cidade, estou indo pra casa.

MORITZ - Eu não sei o que foi que eu perdi.

ILSE - Então não vale a pena ficar procurando.

MORITZ - Meu Deus do céu!

ILSE - Faz quatro dias que não volto pra casa.

MORITZ - Silenciosa que nem um gato!

ILSE - É por causa das sapatilhas. Minha mãe vai ter um choque quando olhar pra mim. Venha comigo até a frente da minha casa.

MORITZ - Por onde você tem andado de novo?

ILSE - Na Falópia.

MORITZ - Falópia?

ILSE - Na casa do Nohl, do Fehrendorf, do Padinsky, do Lenz, do Rank, do Spüller, todos! Din-don! E ela vai dar um pulo!

MORITZ - Eles estão pintando você?

ILSE - O Fehrendorf está me pintando como uma deusa em cima de uma coluna grega. Aquele Fehrendorf é muito esquisito. Eu pisei numa bisnaga de tinta e ele limpou os pincéis no meu cabelo. Eu dei um soco nele. Ele atirou a paleta na minha testa. Eu derrubei o cavalete e ele correu atrás de mim que nem um louco, por cima dos divãs, das mesas, das cadeiras. Aí eu peguei um esboço atrás do fogão e ameacei: "Você para ou eu rasgo isto aqui!". Fizemos as pazes e ele me beijou, me beijou da cabeça aos pés.

MORITZ - Onde você dorme quando fica lá na cidade?

ILSE - Noite passada foi na casa do Nohl. Antes foi na do Bojokewitsch. Domingo na do Oikonomopoulos. Tem tanta champagne na casa do Padinsky. A gente bebia até no cinzeiro. O Lenz cantava a arrebentou o violão. Eu estava tão bêbada que tiveram que me carregar pra cama. Você ainda vai na escola, Moritz?

MORITZ - Não, eu saí este ano.

ILSE - Que bom. Quando você começa a ganhar dinheiro, o tempo voa. Lembra quando a gente brincava de ladrão, eu, você, a Wendla Bergman e os outros? Como a gente bebia leite de cabra ainda quente, lá em casa? O que a Wendla anda fazendo? Eu me encontrei com ela, quando teve a enchente. E o Melchior Gabor? Ele ainda tem aquele olhar melancólico? A gente ficava de frente um pro outro na aula de canto.

MORITZ - Ele é um filósofo.

ILSE - A Wendla foi na casa da minha mãe levar geléia. Eu estava posando o dia inteiro, na casa do Landauer. Ele precisava de mim como modelo da Nossa Senhora, com o menino Jesus. Ele é tão antipático. Que nojo que me dá. Você está com ânsia?

MORITZ - Essa noite a gente bebeu feito uns porcos. Fui pra casa às cinco da manhã, tropeçando.

ILSE - Dá pra ver. Tinha meninas também?

MORITZ - Só a Arabela, que trabalha lá. Ela é espanhola. O dono da taverna deixou a gente ficar sozinhos com ela.

ILSE - Dá pra ver, Moritz! Eu nunca fico enjoada. No carnaval passado eu fiquei três dias e três noites sem dormir e sem trocar de roupa. Do baile pro café, depois almoço, cabaré de noite e de volta pro baile. A Lena estava comigo e a Viola, gorda. Lembra dela? Aí no quarto dia o Heinrich me achou.

MORITZ - Ele tinha ficado procurando?

ILSE - Ele tropeçou no meu braço. Eu estava caída na sarjeta, inconsciente, coberta de neve. Ele me levou pra casa dele. Não saí de lá durante quinze dias - foi horrível! De manhã eu tinha que andar pela casa de roupão persa. E de noite num preto, de pajem, com renda branca na gola, nos punhos e na barra. Todo dia ele tirava fotografias minhas, nas poses mais exóticas - uma Ariadne deitada no sofá, às vezes como Leda ou de quatro no chão, feito um Nabucodonosor feminino. Foi nessa época que ele andava obcecado com a idéia de assassinar, de fuzilar, de se suicidar, de se asfixiar com gás. Ele levantava da cama de madrugada e voltava com uma arma carregada. Apontava pro meu peito. "Se você piscar, eu puxo o gatilho". E ele era capaz, Moritz! Pode acreditar. Depois ele punha o cano dentro da boca. Ele dizia que isso despertava o meu instinto de preservação.

MORITZ - Esse homem está vivo?

ILSE - Como é que eu vou saber? Tinha um espelho no teto que fazia a toca dele parecer uma torre, subindo, subindo. Você podia se ver, lá nas alturas, pendurado, olhando pra baixo. De noite eu tinha pesadelos. Depois eu acordava e ficava contando os minutos - por favor, meu Deus, amanheça logo! Boa noite, Ilse. Quando você dorme, sabe, querida? Você é tão bonita que eu tenho vontade de matar!

MORITZ - Esse homem está vivo?

ILSE - Deus queira que esteja morto. Um dia ele saiu pra buscar absinto, eu pus o casaco e fugi. O carnaval já tinha passado e a polícia me pegou. Que é que eu pretendia assim, vestida de homem? Me levaram pra delegacia. Então apareceram o Nohl, o Fehrendorf, o Padinsky, o Oikonomopoulos, o Spüller, a Falópia inteira. Eles me tiraram de lá. Num carro de aluguel. Desde esse dia, eu sou fiel a todos eles. O Fehrendorf é um gorila. O Nohl é um porco. O Bojokewitsch um burro. Mas eu amo todos eles e não quero mais ninguém, mesmo que o resto dos homens fossem anjos e milionários.

MORITZ - Eu tenho que voltar, Ilse.

ILSE - Venha até a minha casa.

MORITZ - Por quê?

ILSE - Pra tomar leite de cabra quente. Eu vou pentear os seus cachos e colocar um sino no seu pescoço. A gente tem um cavalinho de pau que você pode brincar.

MORITZ - Eu tenho que voltar. Os sassânidas, o Sermão da Montanha e os paralelepípedos pesam na minha cabeça. Tudo pra amanhã. Boa noite, Ilse.

ILSE - Durma bem. Você volta sempre lá? Onde o Melchior Gabor enterrou o meu - céus! Quando vocês chegarem onde eu estou agora, provavelmente eu vou estar no meio do lixo. *(Sai)*

MORITZ - Teria me custado uma palavra só. Ilse! Ilse! Ainda bem que ela já está longe. Não consegue ouvir, graças a Deus. Não, eu não tenho ânimo. Pra esse tipo de coisa, você tem que estar com a cabeça despreocupada e o coração alegre. SER VOCÊ, ILSE! SE EU PUDESSE SER VOCÊ E IR PRA FALÓPIA! Que escuridão. Isso, tira toda a minha força. Essa filha da Sorte, essa criatura fantástica! ESSA PROSTITUTA NO MEU CALVÁRIO! *(nos arbustos da margem)* Essas flores parece que cresceram desde ontem. Mas a vista embaixo do chorão é a mesma. Imutável. O rio desce pesado. Parece chumbo derretido. Uma coisa que eu não posso esquecer. *(queima a carta da Sra. Gabor)* Eu não volto mais pra casa. Nunca mais.

(Cemitério. Chove muito)

HANSCHEN - *(jogando uma pá de terra na cova)* Descansa em paz.

ERNST - *(jogando uma pá de terra na cova)* O seu túmulo merece um espantalho como enfeite, por causa da tua ingenuidade angelical.

HANSCHEN - Saúda por mim as noivas que eu sacrifiquei.

ERNST - Acharam a arma?

HANSCHEN - Não faz diferença.

THEA - Você viu a cara dele, Ernst?

ERNST - Eles cobriram com um lençol. Estava quase todo enrolado.

THEA - Será que a língua dele estava pra fora?

ERNST - Parece que os olhos estavam. Por isso cobriram a cara com o lençol.

THEA - Que nojo! Tem certeza que ele se enforcou?

HANSCHEN - Dizem que a cabeça estava solta. Todo enforcado tem a cabeça coberta no velório.

ERNST - Ele não podia ter arranjado um jeito melhor de se despedir.

HANSCHEN - Dizem que morrer enforcado tem as suas compensações.

ERNST - Ele me devia cinco marcos. A gente apostou. Ele jurou que ia passar de vez. Você fez a lição?

HANSCHEN - Só a introdução.

ERNST - Eu nem sei como começar.

HANSCHEN - Você não estava na aula quando o professor explicou?

ERNST - Eu procuro qualquer coisa no Aristóteles. Ou na enciclopédia. O Virgílio também é pra amanhã? *(afastam-se um pouco)*

ILSE - Depressa que os coveiros vêm vindo.

MARTHA - Não é melhor esperar, Ilse?

ILSE - Por quê? A gente pode trazer flores novas depois. Sempre trazendo mais flores. Tem tantas por aí. *(joga as flores na cova)*

MARTHA - Você tem razão. Vou arrancar as roseiras lá de casa. Assim pelo menos me batem com algum motivo. Elas vão crescer lindas aqui.

ILSE - E toda vez que eu passar aqui, eu rego as flores. Vou trazer miosótis do riacho e crisântemos de lá de casa.

MARTHA - Vai ficar lindo! Uma maravilha!

ILSE - Eu tinha acabado de atravessar a ponte quando ouvi o tiro.

MARTHA - Pobre!

ILSE - Eu sei porque ele fez isso, Martha.

MARTHA - O que foi que ele te disse?

ILSE - Paralelepípedos. Mas não conte pra ninguém.

MARTHA - Paralelepípedos? Não vou contar.

ILSE - Olha a arma.

MARTHA - Por isso é que ninguém achou.

ILSE - Quando eu passei por lá de manhã, eu mesma tirei da mão dele.

MARTHA - Me dê, Ilse. Por favor, deixe eu ficar com ela.

ILSE - Vou guardar de lembrança.

MARTHA - Ilse, é verdade que a cabeça estava solta? Fora?

ILSE - Ele deve ter enchido essa coisa de água. Os juncos estavam salpicados de sangue. E havia pedaços dos seus miolos escorrendo pelo chorão.

(CONTRA-REGRAGEM)

(Sala de estar dos Gabor)

SRA. GABOR - Eles precisavam de um bode expiatório. Meu filho caiu do céu, bem na frente deles, na hora certa. E você acha que eu, a mãe dele, vou completar o trabalho desses crápulas?

ERNST - O Sr. Gabor. *(veste-se)*

SR. GABOR - Durante quatorze anos eu só observei de longe os seus métodos de educação. Foi sempre contra as minhas convicções. Educar uma criança não é uma brincadeira. Uma criança merece a nossa seriedade absoluta. Não é sua culpa, Fanny. Porém, agora que eu quero remediar os danos que você e eu causamos ao garoto, por favor, saia do meu caminho!

SRA. GABOR - Eu vou me colocar no caminho sim, enquanto eu tiver uma gota de sangue. O meu filho, definhar dentro de um reformatório. Lugares como esse podem até corrigir uma natureza criminosa. Nem sei. Mas como uma criança normal pode suportar isso, sem se tornar, lá dentro, um criminoso? Tire o sol e o ar de uma planta e veja como ela seca. O que foi que o garoto fez de errado? O simples fato de ele ter escrito aquilo prova o quanto ele é ingênuo. Talvez você seja mais inteligente do que eu. Mas eu não posso deixar o meu único filho ser destruído e partido em pedaços dessa maneira.

SR. GABOR - Quem não agüenta a marcha, tem que ser posto de lado. Você acha simples curiosidade prematura aquilo que, na verdade, já é uma deformidade de caráter. Vocês, mulheres, não têm competência para julgar essas coisas. Quem for capaz de escrever o que Melchior escreveu só pode ter uma mente corrompida. Não sei o que se pode fazer por ele nesse estado. Mas nós, como pais da pessoa em questão, devemos agir com seriedade.

SRA. GABOR - Só um homem poderia dizer coisas como essas. Quantas idéias mortas você tem na cabeça. Só um animal, com alma de burocrata, despida de qualquer humanidade, pode farejar nisso corrupção moral.

SR. GABOR - Chega de discussões, Fanny. Eu sei como isso te custa e como você idolatra seu filho. Porque a natureza dele é quase um reflexo da sua. Mas pelo menos uma vez na vida, pense mais nele do que em você mesma.

SRA. GABOR - Deus me proteja por não responder como deveria! Eu não entendo um pai que, ao invés de estender a mão, pisa na cabeça. Que mãe agüenta ficar olhando seu filho ser morto e não tomar uma atitude? É inconcebível! Pode dizer o que quiser, mas se você mandar Melchior para o reformatório, eu vou embora daqui e encontro um jeito de tirar o meu filho de lá.

(Melchior no pátio do reformatório)

MELCHIOR - Não faço bem em me separar. Todo mundo fica de olho em mim o tempo todo. Tenho que colaborar - ou eles acabam comigo. A prisão faz deles suicidas. Se eu arrebentar, está bem. Se eu escapar, também está bem. É por aqui que desce o

cabo do pára-raios. É preciso amarrar um lenço em volta da mão... Quando penso nela, sinto o sangue todo subir na cabeça. E o Moritz está preso nos meus pés como um chumbo. A casa tem sessenta pés de altura e o reboco está quase caindo. Ela me odeia... Ela me odeia porque eu roubei a liberdade dela. Um estupro é sempre um estupro. A esperança é que o tempo, os anos vão passando e ela...

(Ernst e Hanschen no meio do mato. Correram muito)

ERNST - Eu estou morto.

HANSCHEN - Eu estou com fome. Não sei o que é pior.

ERNST - Não consigo nem me mexer.

HANSCHEN - Olha o céu. Parece que está pegando fogo.

ERNST - Você está ouvindo o sino da igreja? São seis horas.

HANSCHEN - Não vejo nada no meu futuro que possa ser melhor do que isso.

ERNST - Às vezes, eu me vejo como um pastor, um vigário. Muito digno e respeitado. Com uma mulher bem humorada, uma biblioteca e honras por todos os lados. Com seis dias pra pensar e o sétimo pra falar. Aí, enquanto eu passeio, os meninos e meninas vêm beijar a minha mão. E em casa tem café quentinho, bolo e pão saindo do forno, as garotas entram pela porta de trás trazendo cestas cheias de maçãs. Você consegue imaginar coisa melhor do que essa?

HANSCHEN - Olhos e lábios meio abertos, tapeçarias turcas. Eu não sou muito de sentimentalismo. Os adultos usam a autoridade deles pra disfarçar a sua burrice. Lá entre eles, fazem tudo como a gente faz. As mesmas idiotices. Às vezes, eu penso no futuro como um copo de leite. Uns derrubam no chão e começam a chorar. Outros se batem pra ver quem bebe mais. Por que a gente não pode simplesmente pegar uma colher, separar a nata e tomar com prazer? Você acha muito ingênuo isso?

ERNST - Então vamos separar a nata. Por que você está rindo?

HANSCHEN - Você é engraçado.

ERNST - Alguém tem que ser.

HANSCHEN - Daqui a trinta anos, a gente vai se lembrar deste dia. E ele vai parecer tão bonito.

ERNST - Parece que tudo está acontecendo do jeito que tinha que acontecer.

HANSCHEN - E por que não podia ser assim?

ERNST - Se eu estivesse sozinho, era capaz até de chorar.

HANSCHEN - Não é hora de tristeza agora. *(um beijo)*

ERNST - Quando eu saí de casa hoje, tudo o que eu pensava era conversar com você.

HANSCHEN - Eu também estava esperando isso. Sabe, a virtude é uma roupa bonita que os homens comuns não podem vestir.

ERNST - Em nós, ela ainda fica grande demais.

(Wendla está na cama. A consulta acabou)

THEA - Ina Muller. *(veste-se)*

INA MULLER - *(olhando pela janela)* As árvores estão mudando de cor. Dá pra ver aí da cama? Tão bonito, mas tão rápido. Quando você menos espera já passou. Quase nem dá pra ficar contente. Não é, Wendla? Eu tenho que ir. O Muller está me esperando na frente do correio e eu ainda tenho que ir na costureira. Vou mandar fazer calças pro Mucki, as primeiras que ele vai usar. E um casaquinho de lã para o Karl.

WENDLA - Tem horas que eu sinto uma alegria tão grande. Parece uma ventania. Eu não sabia que alguém podia se sentir assim. Eu tenho vontade de sair correndo - no rio, no sol. Ficar sonhando. Aí eu tenho um ataque de dor de dente e acho que vou morrer. Frio e calor. Arrepios. Suor. Fica tudo escuro e o monstro aparece de novo. E toda vez que eu acordo, a mamãe está chorando. Ah, Ina, é insuportável. Eu nem sei explicar.

INA MULLER - Quer que suba o travesseiro?

SRA. BERGMAN - *(entrando)* O doutor disse que os enjôos vão passar e que - se você tomar bastante cuidado - pode levantar. Eu acho melhor você ficar em pé o mais rápido possível, Wendla.

INA MULLER - Da próxima vez que eu vier, quero ver você correndo pela casa. Até logo, mãe. Eu preciso ir na costureira. Deus te abençoe, Wendla. Fique boa logo, ouviu?

WENDLA - Até logo, Ina. Você traz mais flores, quando voltar? Mande um beijo pros meninos. Até logo. *(Ina sai)* O que foi que o doutor disse pra senhora lá fora, mãe?

SRA. BERGMAN - Nada. Que isso tudo é normal em casos de anemia.

WENDLA - Ele disse que eu tenho anemia?

SRA. BERGMAN - Você tem que tomar leite e comer carne e verduras, quando o seu apetite voltar.

WENDLA - Mãe, eu acho que o que eu tenho não é anemia.

SRA. BERGMAN - Você tem anemia, filha. Não fique agitada.

WENDLA - Não, mãe. Não é anemia. Eu tenho outra coisa -

SRA. BERGMAN - Wendla, quer parar? É anemia. E anemias são muito fáceis de curar.

WENDLA - Eu não vou me curar. Eu vou morrer. Eu sei disso. Mãe, mãe, eu vou morrer.

SRA. BERGMAN - Você não vai morrer, filha. Deus tenha piedade de nós! Wendla, você não vai morrer!

WENDLA - Então por que é que a senhora está chorando desse jeito?

SRA. BERGMAN - Você não vai morrer, Wendla. Você vai ter um filho! Vai ter um filho. Como é que você fez isso comigo?

WENDLA - Eu não fiz nada, mãe.

SRA. BERGMAN - Não minta! Eu sei de tudo, Wendla. Eu sei, mas não conseguia falar nada. Minha Wendla.

WENDLA - Mas é impossível, mãe. É impossível. Eu não sou casada.

SRA. BERGMAN - Meu Deus do céu, me ajude! É isso mesmo, menina, você não é casada. Aí é que está. É isso que é horrível! Wendla! Wendla! O que é que você foi fazer?

WENDLA - Eu não sei, mãe. A gente estava lá. Deitado em cima da palha. Mas eu juro que eu nunca amei mais ninguém no mundo, que não fosse você, mãe!

(Mais um beijo)

ERNST - Eu não ficava sossegado, se não te encontrasse. Eu nunca amei ninguém no mundo como eu amo você.

HANSCHEN - Sem sentimentalismo. Eu não sou disso. Daqui a trinta anos a gente vai rir de tudo isso. Apesar de hoje tudo ser tão bonito. Olhe o topo da montanha, como brilha. O vento passa pelas pedras como se estivesse pedindo pra fazer uma carícia. *(eles choram)*

(Melchior se afasta do outros meninos)

MELCHIOR - A lua nova é daqui a uma semana. Amanhã eu vou lubrificar as dobradiças e as fechaduras. Eu tenho que saber a todo custo até sábado quem é que tem a chave. Domingo à noite, na hora da oração, de um ataque epilético, queira Deus que ninguém mais fique doente! Está tudo tão claro, é como se eu estivesse vendo tudo. Eu consigo facilmente pular pela janela - um salto - aí eu agarro uma vez e... Mas é preciso amarrar um lenço, é preciso amarrar um lenço em volta!

(Sala de estar dos Gabor)

SRA. GABOR - Eu vou embora daqui e encontro um jeito de tirar o meu filho de lá.

SR. GABOR - Ele é um criminoso!

SRA. GABOR - Ele não é criminoso!

SR. GABOR - Eu faria de tudo para te poupar disso. Mas o fato é que ele cometeu um crime!

SRA. GABOR - NÃO!

SR. GABOR - Uma senhora veio falar comigo hoje. Perturbadíssima. Mal conseguia falar. Ela me entregou esta carta, que a filha dela de quatorze anos recebeu. Ela abriu antes que a filha lesse - a menina não estava em casa. Na carta, Melchior pede perdão pelo que ele fez. Que ela não se afligisse, mesmo quando as conseqüências começassem a aparecer. Que ele ia cuidar de tudo e ia ajudar em tudo - agora, expulso da escola, ficaria mais fácil. E que o erro dos dois poderia ainda trazer felicidade.

SRA. GABOR - Impossível.

SR. GABOR - Claro que sim. É uma fraude. A cidade inteira sabe da expulsão e essa mulher está tentando tirar proveito da nossa situação. Ainda não falei com ele. Veja a letra.

SRA. GABOR - Que indecência!

SR. GABOR - Eu imaginava.

SRA. GABOR - Nunca que isso.

SR. GABOR - Melhor para nós. A mulher me perguntou o que deveria fazer. "Trancar sua filha em casa", eu disse. Ainda bem que ela deixou a carta comigo. Se nós mandarmos o Melchior para uma escola comum, em três semanas ele é expulso de novo. Logo logo aquela alma primaveril se acostuma e começa a achar normal. Fanny, o que é que eu devo fazer com o menino?

SRA. GABOR - Mande o Melchior pro reformatório.

SR. GABOR - Você disse.

SRA. GABOR - Mande o Melchior pro reformatório.

SR. GABOR - Ele vai achar lá o que nunca teve em casa: disciplina. Princípios morais. Cristãos. Ele vai se ajustar. Vai ter que seguir o caminho do bem e não o da curiosidade. Seu comportamento vai obedecer a regras e não a instintos.

SRA. GABOR - Mande o Melchior pro reformatório.

SR. GABOR - Eu falei com meu irmão faz meia hora. Ele confirmou a história da mulher e da carta. O Melchior contou tudo para ele e pediu duzentos marcos, para fugir para a Inglaterra.

SRA. GABOR - Deus nos abençoe.

(Wendla e a Sra. Bergman choram)

SRA. BERGMAN - Deus nos abençoe.

WENDLA - Mãe, por que é que você não me explicou, mãe?

SRA. BERGMAN - Dizer uma coisa dessas pra uma menina de quatorze anos? Seria melhor ver o sol se apagar do que fazer isso. Eu te criei como a minha mãe me criou. É preciso confiar em Deus, Wendla. E fazer o que é preciso. Se nós formos corajosas e fizermos o que é preciso, ele não vai nos abandonar. Até agora não aconteceu nada. Nada. Você tem que ter coragem, Wendla. Coragem. Tudo pode desmoronar tão rápido em cima de nós... Por que é que você está tremendo?

WENDLA - Eu escutei baterem na porta.

SRA. BERGMAN - Não foi nada. *(Sai para olhar)*

WENDLA - Eu escutei, mãe. Escutei direitinho. Quem é?

SRA. BERGMAN - *(voltando)* Ninguém. É só a Madre Schmidt. A senhora chegou bem na hora, madre.

(CONTRA-REGRAGEM)

(Cemitério. Noite de luar. Venta)

MELCHIOR - Ninguém vai me procurar aqui. Eu posso respirar um pouco enquanto eles procuram nos bordéis. Quando amanhecer, eu tento me embrenhar no meio da mata. Até agora foi fácil, mas eu não sei se eu estava preparado pra isto. Chegar na beira do abismo. Ver esses buracos na terra, tudo afundando na minha frente. Eu não devia ter saído de lá. Por que é que ela tem que ser punida por um crime que eu cometi? Por que não sou eu que sofro a punição? Chamam isso de providência divina. Eu passava fome, se precisasse. Quebrava pedras, se precisasse. Nunca um vivo andou por aqui e sentiu tanta inveja. Estar aí embaixo. Os túmulos novos são ali. O vento passa pelos túmulos e assobia diferente em cada um. Uma sinfonia angustiante. Estas coroas se desintegrando. *"Aqui repousa Wendla Bergman. Nasceu em 5 de maio de 1878. Morreu de anemia, em 27 de outubro de 1892 - Bem-aventurados os limpos de coração"*. Eu matei - eu sou o assassino dela. O desespero - não vou chorar aqui. Eu vou embora. Eu tenho que ir embora deste lugar.

MORITZ - *(vem andando pelo meio dos túmulos)* Melchior, espera. Espera um pouco. Pode demorar muito tempo até a gente ter outra oportunidade desta. Você não pode imaginar como tudo depende da hora e do lugar.

MELCHIOR - De onde você saiu?

MORITZ - De trás do muro. Você derrubou a minha cruz. Eles me enterraram perto do muro. Dá a mão.

MELCHIOR - Você não é o Moritz Stiefel.

MORITZ - A mão! Você vai me agradecer, as coisas nunca mais vão ser fáceis pra você, Melchior. Que encontro feliz. Eu vim de propósito, por sua causa.

MELCHIOR - Você não dorme?

MORITIZ - Eu não chamo aquilo de sono. A gente fica sentado nas torres das igrejas, nos telhados das casas, onde a gente quiser ficar.

MELCHIOR - Nunca dormem?

MORITZ - Até que a gente se diverte. A gente vaga em volta das capelas. A gente paira em cima das pessoas, das multidões, dos acidentes, das festas. Dentro das casas, a gente fica agachado embaixo das mesas ou atrás das camas. Dá a mão. A gente não fala, mas sabe de tudo, da estupidez das pessoas, do que elas fazem, o que elas querem, é engraçado.

MELCHIOR - Pra que isso?

MORITZ - Pra quê? E precisa de motivo? A gente é feliz assim. Só isso. Os vivos são tão patéticos que a gente nem tem como sentir pena. A gente fica olhando e dá risada desse desespero, dessa ansiedade. Dá a mão. Se você me desse a mão, ia explodir de dar risada quando sentisse tudo o que pode acontecer depois, depois de me dar a mão.

MELCHIOR - Você não sente nojo?

MORITZ - Ninguém lá sente isso. Eu andei no meio do meu funeral, foi divertido. Que comédia, Melchior. Isso que é o sublime. Eu chorei mais alto do que todo mundo. Depois eu subi devagarinho em cima do muro e comecei a rir sem parar. Você precisa vir parar aqui pra digerir toda essa porcaria. Eles devem ter rido de mim antes, também.

MELCHIOR - Eu não tenho vontade de rir do que está acontecendo comigo.

MORITZ - Eu não entendo como você pode ser tão ingênuo. Agora eu vejo a fraude, com tanta nitidez. Dá a mão, Melchior. Por que você foge de mim? Está com medo? Num segundo você vai ver você de lá de cima. Você vai ver que a sua vida é um pecado de omissão.

MELCHIOR - Vocês podem esquecer as coisas?

MORITZ - A gente pode o que quiser. Dá a mão. A gente pode sentir pena dos jovens, quando eles confundem angústia com idealismo. E dos velhos, que têm o coração orgulhoso e arrogante. A gente pode ver o terror nos tribunais. Ver por baixo da máscara do poeta. Ver o comediante chorar no escuro. Ver o capitalista e o mendigo que não possuem senão a mesma coisa, nada. A gente pode ver como traem os que se amam. Ver pais que querem ter filhos pra poder gritar depois: "Você devia se orgulhar de ter pais como nós". Depois ver os filhos crescendo e fazendo a mesma coisa. A gente pode ver a inocência dos pequenos que descobrem a paixão pela primeira vez. E da prostituta que lê Schiller deitada na cama. A gente pode ver Deus e o Diabo brigando. E a gente pode cochichar no ouvido um do outro o segredo que ninguém aqui sabe: Deus e o

Diabo estão bêbados. Tudo o que você tem que fazer é me dar a mão. Seu cabelo vai estar branco quando você tiver outra oportunidade desta.

MELCHIOR - Se eu der a mão pra você, vai ser por desprezo. Por mim mesmo. Eu virei um pária. Um leproso. A única coisa que podia me dar coragem está ali, enterrada. Eu já não acho que eu seja digno de emoções nobres - não vejo nada que justifique uma vida assim. Eu sou a criatura mais abominável do mundo.

MORITZ - Então por que tem medo? *(Entra o Homem)*

HOMEM - *(para Melchior)* Você está tremendo, está quase desmaiando de fome. Isso não é hora pra tomar uma decisão dessas. *(para Moritz)* Ei, você, vai embora!

MELCHIOR - Quem é você?

HOMEM - Depois você vai descobrir. *(para Moritz)* Eu disse pra você ir embora! O que você está fazendo aqui? O que é isso na sua cabeça?

MORITZ - Um tiro.

HOMEM - Vá embora. Chega! Deu pra entender? Chega de empestear a gente com essa conversa fedorenta.

MORITZ - Não me mande embora.

MELCHIOR - Quem é o senhor?

MORITZ - Por favor, não me mande embora. Deixe eu ficar mais um pouco. Eu juro que eu fico quieto e concordo com tudo. Mas não me mande embora, é frio lá embaixo.

HOMEM - Você não acabou de dizer que era sublime? Quanta besteira. Pra que mentir assim desse jeito? Guarde essas suas fantasias pra você mesmo. Se quiser, pode ficar, mas não me atrapalhe.

MELCHIOR - O senhor vai me dizer quem é?

HOMEM - Não. O meu primeiro conselho é: confie em mim. E a primeira providência é: sair daqui.

MELCHIOR - O senhor é o meu pai?

HOMEM - Você não consegue reconhecer a voz do seu pai?

MELCHIOR - Não.

HOMEM - Numa hora dessas, seu pai está se consolando nos braços da sua mãe. Vamos, esse desespero que você está sentindo tem um único motivo, você está morto de fome, exausto. Uma comida bem quente vai fazer você rir de tudo isso.

MELCHIOR - Nenhuma comida vai me fazer sentir menos culpado.

HOMEM - Depende dos ingredientes. Posso te dizer uma coisa? Aquela menina ia ter uma criança perfeita. Ela mesma, era quase perfeita. Se não fossem as técnicas da Madre Schmidt, agora ela está aí, deitada. Ela e o bebê. Vamos, Melchior. Eu quero te apresentar o ser humano. Um mundo de possibilidades. Outros horizontes. Eu quero te apresentar as coisas interessantes que o mundo tem pra oferecer.

MELCHIOR - Quem é o senhor? Eu não posso confiar numa pessoa que eu não conheço.

HOMEM - Só se você confiar em mim é que vai me conhecer.

MELCHIOR - Você acha isso?

HOMEM - Acho. É um fato. Não tem outro jeito.

MELCHIOR - Eu posso dar a mão pro meu amigo aqui, se eu quiser.

HOMEM - O seu amigo é uma fraude. Um impostor. Uma das criaturas mais desgraçadas de toda a criação, um comediante.

MELCHIOR - Não me interessa. Ou o senhor diz quem é ou eu entrego minha mão pra este comediante.

HOMEM - Bem...

MORITZ - Ele está certo, Melchior. Era tudo mentira. Escute o que ele diz. Ele está dizendo a verdade. Pode ir com ele e aproveite.

MELCHIOR - O senhor acredita em Deus?

HOMEM - Depende.

MELCHIOR - Quem inventou a pólvora?

HOMEM - Berthold Schwarz, também conhecido como Konstantin Anklitzen. Monge franciscano, em Freiburg, em 1330.

MORITZ - Uma invenção infeliz.

HOMEM - Você ainda teria a forca.

MELCHIOR - Qual sua definição de moral?

HOMEM - Isso é uma prova? Eu sou seu aluno?

MELCHIOR - Eu não sei quem o senhor é.

MORITZ - Aconteça o que acontecer, não briguem. Não faz sentido dois vivos e um morto brigando no cemitério, às três e meia da manhã.

HOMEM - O fantasminha tem razão. Eu vou responder à sua pergunta. Eu vejo a moral como o produto de duas forças imaginárias, o dever e o instinto.

MORITZ - Se tivessem me dito isso. A minha idéia de moral foi que me matou. "Honra teu pai e tua mãe e terás longa vida". Comigo a Bíblia falhou redondamente.

HOMEM - Não se iluda. Os seus pais teriam morrido por sua causa tão pouco quanto você se matou por causa deles.

MELCHIOR - Eu tenho certeza, senhor, que seu eu tivesse dado minha mão pro Moritz, era culpa exclusivamente da minha moral.

HOMEM - Mas você não é o Moritz, por isso não deu a mão.

MORITZ - A gente não é tão diferente assim. Você podia muito bem ter aparecido pra mim, quando eu me escondi no mato com a arma na mão.

HOMEM - Você não lembra de mim? Nos últimos minutos, você estava mesmo entre a vida e a morte. Mas, senhores, eu não acho que este seja o cenário ideal para um debate tão apaixonante como este.

MORITZ - Está ficando frio.

MELCHIOR - Até logo, Moritz. Eu não sei direito onde esse homem vai me levar, mas pelo menos é um ser humano.

MORITZ - Não sinta raiva de mim porque eu tentei trazer você comigo. É que a gente, a amizade. Eu preferia ir com você, mesmo que tivesse que voltar a chorar e me desesperar.

HOMEM - Cada um fica com a sua parte. Pra você, a consciência calma de não ter nada. Pra você, a dúvida angustiante em relação a tudo.

MELCHIOR - Obrigado por ter vindo, Moritz. Não esqueça esses quatorze anos. Tudo o que, não importa o que aconteça comigo, de bom ou de ruim. Eu não vou esquecer.

MORITZ - Obrigado.

MELCHIOR - Quando eu for velho, de cabelo branco, quem sabe a gente volte a ficar perto assim, um do outro.

MORITZ - Boa sorte. Vão embora.

HOMEM - Vem, Melchior. *(leva Melchior embora)*

MORITZ - Sozinho, de novo. *(põe as mãos nos bolsos do paletó. Acha um papel dobrado, uma página de livro arrancada)* "A Lua cobre o rosto. E depois tira de novo o véu. Mas nem por isso parece ter alguma coisa a dizer. Vou voltar para o meu lugar. Endireitar a cruz que o louco idiota derrubou brutalmente. E quando estiver tudo

arrumado, eu me deito outra vez de costas, me aqueço ao calor da minha putrefação. E sorrio".

(Black out)

www.desvendandoteatro.com